



## COORDENADORIA DE ARTES E OFICINAS ARTÍSTICAS DA UERJ: relações entre formação e história do seu espaço físico

Mônica de Lima Bolsoni<sup>1</sup>

Denise Medina de Almeida França<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Este texto apresenta o projeto de uma pesquisa de Doutorado (em curso) junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, na linha de pesquisa Instituições, Práticas educativas e História, financiado pela Capes/Proex, tendo como orientadora a prof.<sup>a</sup> Dra Denise Medina de Almeida França. O nosso objetivo é analisar a importância das oficinas artísticas oferecidas pela Coordenadoria de Artes e Oficinas Artísticas (Coart/UERJ) na formação das/os estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bem como discutir o (não) reconhecimento da própria instituição de ensino a respeito deste tipo de cultura escolar – ensino não formal -, e sua possível relação com a história do espaço físico ocupado na instituição. Para isso, investigamos depoimentos de participantes das oficinas oferecidas a fim de buscar em suas narrativas memorialísticas elementos que trouxessem à discussão os saberes e as práticas experienciados na Coart, numa perspectiva de contribuição diferenciada à formação acadêmica das/os uerjanes<sup>3</sup>. Quais aspectos dessas vivências produziram nestes estudantes uma ampliação dos seus elos identitários com esta instituição de ensino superior nas três últimas décadas? Quais saberes foram construídos nestas oficinas? O que pode ser lido nas cartas produzidas pelos participantes das oficinas? Examinamos também um relatório institucional produzido no final da década

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP- UERJ, RJ, RJ, Brasil. <https://orcid.org/0009-0007-7557-3718>. E-mail: monicabolsoni12@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de pós-graduação em educação-PROPED- UERJ, RJ, RJ, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-1649-5816>. E-mail: denisemedinafranca@gmail.com

<sup>3</sup> Optamos por utilizar a linguagem inclusiva uerjanes para garantir a representatividade de todas as pessoas estudantes dos cursos da UERJ, em sinal da compreensão da necessidade de uma recuperação de um processo histórico que foi distorcido pelo processo de colonização derivado de duas vertentes: a branquitude e a cis-hetero-patriarquia.

---

de 1980, de autoria do professor da faculdade da Educação da Uerj, José Ribamar Bessa Freire, responsável naqueles idos pela gestão deste referido espaço físico. Nesta fonte, buscamos em sua narrativa a história da construção do prédio como projeto político-social, sua idealização, contextos desta obra, as utilizações e toda situação estrutural ao longo de sua existência, problematizando deste modo o não reconhecimento institucional sobre os fazeres e saberes desenvolvidos neste espaço de educação não formal. Quais documentos circularam desde a inauguração do prédio até os dias atuais denunciando e solicitando a solução dos recorrentes e crônicos problemas em sua estrutura física? Quais documentos informavam suspensão ou redução de atividades? Houve movimentos estudantis e/ou docentes organizados em defesa deste espaço de ensino? Por que a obra definitiva não é uma prioridade na política institucional? São perguntas iniciais de um projeto que, do mesmo modo, encontra-se em sua fase inicial. Portanto, sabemos de antemão que não teremos condições no presente momento de oferecer mais do que indícios. Outros tipos de fontes serão consultados e problematizados no decorrer da pesquisa.

## **JUSTIFICATIVA**

O interesse no tema surge a partir de minha experiência no exercício do cargo de confiança para o qual fui convidada a desempenhar – Coordenadora da Coart, e, por conseguinte, de acordo com as atribuições pré-determinadas da função, estar responsável por administrar e zelar pela manutenção do prédio do Centro Cultural da UERJ<sup>4</sup>, espaço

---

<sup>4</sup> O referido prédio foi desenhado pela primeira vez em 28 de novembro de 1968, sendo parte integrante do mesmo projeto arquitetônico assinado pelos Arquitetos Associados Ltda responsáveis pelo projeto de todo o Campus universitário localizado no bairro do Maracanã. No exato momento em que o ministro Gama e Silva anunciava o Ato Institucional nº 5, AI-5, por uma cadeia de televisão, Flávio Marinho Rego e Luiz Paulo Conde – Arquitetos Associados Ltda. – traduzindo as preocupações então dominantes, acabavam de concluir, na prancheta, o ante-projeto de arquitetura do Centro Estudantil e Restaurante Universitário. A transformação do projeto arquitetônico do Centro Estudantil e Restaurante Universitário em realidade de concreto começou no dia 14 de novembro de 1969, às 18h, no Gabinete do Governador Negrão de Lima, quando o Reitor João Lyra Filho, representando a UEG, assinou um contrato com a Construtora Norberto Odebrecht S.A. para a execução em 720 dias das obras de fundações e estrutura do Campus Universitário. Somente em 14 de julho de 1972, o então Governador do Estado da Guanabara, Chagas Freitas, colocou a primeira pá de pedra britada na caçamba para bater a primeira estaca de construção do prédio que estaria agora destinado a ser o



físico onde acontecem as oficinas. Estive à frente deste trabalho por duas gestões consecutivas (2016/2019 e 2020/2023), experiência que me colocou diante de algumas situações críticas e crônicas, provocando inquietações, reflexões, e, principalmente, questões que parecem estar entrelaçadas: a estrutura física do prédio; o reconhecimento de seu papel em relação aos serviços oferecidos à comunidade; a falta de informações a respeito de seu percurso histórico dentro da instituição. São, portanto, finas partes de camadas que pretendemos levantar para discutirmos o problema desta pesquisa.

O cenário encontrado por mim em 2016 oferecia dados que enunciavam problemas. Na fachada deste prédio encontrava-se um letreiro, que diferente do esperado, estava incompleto. Suas letras, produzidas a partir de metal pintadas de azul (em referência ao padrão de layout da instituição), não informavam (ou informavam?) o seu destino. O título de Centro Cultural da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ainda “sobrevivia” na fachada do prédio, em letras descoladas da parede, denunciando uma atitude de total esquecimento e abandono de algo que, supomos, tenha representado em algum momento um belo projeto para a instituição. Das 50 letras que deveriam constar em sua inscrição, encontrava-se afixado aproximadamente a metade. O acabamento de sua fachada também apresentava sinais do tempo, vestígios que poderiam ser interpretados como revelação da descontinuidade de um projeto que outrora fora gestado com nobre propósito, a se tirar pelo título que o representa, seu significado e função esperada. Logo no primeiro mês em que iniciávamos o semestre, uma chuva forte trazendo as famosas águas de março inundou salões, salas, auditório, teatro, acarretando prejuízo no cronograma das atividades que já estavam planejadas, bem como revelando o crônico problema de infiltrações da laje que cobre o prédio, problemática historicizada através de incontáveis documentos produzidos pelos gestores e gestoras que estiveram nessa atribuição e consumiram grande parte do tempo em gestões burocráticas na tentativa de evitar a destruição do prédio ao longo de sua

---

Departamento de Alunos – DA, que na realidade nunca entrou em fase de acabamento e teve em 2 de setembro de 1976 a inauguração apenas do setor Desportivo do seu departamento pelo Governador do Estado Faria Lima. A instalação e ocupação do DA no referido prédio se deu entre os anos de 1982 a 1988, depois de serem improvisadas duas salas para a administração e alguns reparos menores. Entre os anos de 1976 a 1982, o prédio ficou subordinado à Superintendência do Campus – SUCAM. Os relatórios e ofícios da época dão conta de apresentar descrições de um prédio inconcluso e com um problema de defeito de fabricação – o problema de ordem estrutural da impermeabilização do terraço, que nunca foi solucionado. Em 1988, após inúmeros ofícios, memorandos e relatórios, obtém-se a interdição do prédio. O Restaurante Universitário foi inaugurado em 2011, trinta e cinco anos após a “inauguração” do prédio.

histórica existência de 48 anos. Por que esta super obra ficou inconclusa? Por falta de recursos? Por ausência de vontade política?

Portanto, é neste sentido que o encontro com as ideias apresentadas pelo autor no documento aguça minhas curiosidades históricas, assombrada pelo tempo passado e a constatação de inúmeros problemas ainda sendo enfrentados no ano de 2023, situação descrita por Freire (1988) no relatório como “crítica e absurda que talvez só possa ser esclarecido definitivamente mediante uma auditoria”. (p.23)

Para a pesquisa sobre a Coart é necessário adentrarmos pela história do espaço físico onde está situado, palco de inúmeros embates em tempos de Ditadura militar, tempo histórico em que se deu a elaboração do projeto arquitetônico do seu prédio. Deste modo, interrogando o objetivo do referido relatório, analisando o detalhamento do seu teor, as reflexões e alternativas apontadas pelo autor no documento, encontramos um considerável número de referências que nos remetem a outras importantes fontes que possibilitarão o entrecruzamento das informações e o aprofundamento requerido pelo tema.

## **ABORDAGEM METODOLÓGICA E ALGUNS REFERENCIAIS TEÓRICOS**

Trazemos inicialmente alguns referenciais teóricos que de antemão sabemos indispensáveis para a discussão do tema dentro do campo da história da educação. O conceito de cultura escolar posto por Julia (2001) para auxiliar a compreender o papel da Coart na formação dos uerjianes e tudo que comunica o espaço como lugar de formação, de pertencimento à instituição e desenvolvimento cultural; Gohn (2011) para nortear as reflexões acerca da educação não formal e seu exercício de civilidade no convívio com o outro, aceitação da diversidade cultural e suas diferenças; Certeau (1982), a partir dos conceitos de cotidiano, práticas culturais, táticas e estratégias para orientar as operações historiográficas e na interpretação das fontes; Barros (2009) para embasar a análise das fontes na distinção entre história e memória; Chartier (1998) para orientar a discussão sobre representação social na perspectiva histórica e articulação dos modos dicotômicos de

pensar a/da instituição, e Cunha e Góes (2002) para ajudar a pensar o contexto da ditadura militar no Brasil e seus reflexos na educação.

Foram investigados até o presente momento da pesquisa dois tipos de fontes para a análise apresentada neste texto: as cartas manuscritas escritas pelas (os) estudantes que cursaram as suas oficinas livres<sup>5</sup>, espontâneos partícipes do concurso *Cartas para a Coart*<sup>6</sup>, bem como o peculiar relatório em escrita datilografada, contendo 56 páginas, datado de outubro de 1988, trazendo descrito em sua capa o título “Departamento de Alunos: a que será que se destina?” O documento foi redigido pelo Prof. José Ribamar Bessa Freire<sup>7</sup>, Diretor do prédio que naquele referido ano ainda funcionava como Departamento de Alunos, e que um pouco mais adiante, provavelmente na década de 1990, passa a ser ocupada pela Coart.

O Concurso *Cartas para a Coart* foi iniciativa da minha gestão e teve sua primeira edição no ano de 2018, bastante estimulada naquela época pela disciplina de mestrado que eu cursava – “Escola, Memória e Cultura Escrita”, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Ana Chrystina Venâncio Mignot, no ProPEd/Uerj. Os estudos adquiridos em sala de aula fizeram reviver minha experiência de vida e profissional, onde a escrita em diários e a troca de correspondência através de cartas deixaram significativas e boas lembranças. Saltava da memória o prazer da escrita, do desenho da caligrafia no papel, da escolha dos papéis de carta, das capas de diários, dos adesivos, e, claro, da reflexão sobre mim mesma e meus percursos traçados. Dessa memória surgiu a ideia de realizar um concurso que convidasse as/os estudantes a escreverem uma carta, que obrigatoriamente deveria ser manuscrita, envelopada, endereçada à Coart, contando-nos sobre sua experiência em nossas oficinas, suas descobertas, aprendizados, impressões e experiências. As cartas seriam lidas por uma comissão formada pelas/os servidoras/es do próprio setor, e as três

---

<sup>5</sup> Para este texto apresentamos fragmentos de quatro cartas, cujos comentários de oficinas cursadas referem-se respectivamente a títulos nas áreas de Teatro, Fotografia, Dança contemporânea, Artes Visuais, Ballet, Dança Indiana, Teatro e História da Arte.

<sup>6</sup> Trata-se de uma ação cultural ocorrida nos biênios de 2018/2019 e 2022/2023 cuja finalidade, além da premiação aos participantes, tinha como objetivo construir memória institucional e promover a divulgação das oficinas artísticas.

<sup>7</sup> Professor da Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), aposentado em 2022. Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) aposentado em 2021 e coordenou durante 30 anos o Programa de Estudos dos Povos Indígenas (PROINDIO).



---

cartas mais votadas seriam selecionadas na finalidade de oferecermos 02 bolsas gratuitas em nossas oficinas naquele semestre, sendo uma para o remetente e a outra para quem ele quisesse ofertar como presente. O conjunto documental reunido dessas fontes soma um total de 71 cartas, mas até o presente momento deste texto apenas 25% deste material foi examinado. Entretanto, podemos destacar em sua materialidade que todas/os remetentes seguiram o critério do concurso que exigia escritas manuscritas, e, apesar de algumas cartas se apresentarem em letras de imprensa, há uma predominância dos textos em letra cursiva, o que chama-nos a atenção nos dias atuais onde o computador, *tablet* e celular parece ter substituído o velho caderno e lápis. Encontramos caligrafias todas legíveis e algumas bastante elegantes, mostrando de certa forma um capricho, que pode ser lido como apreço em poder contar suas memórias na/com a Coart. Não raramente também encontramos um investimento criativo na produção dos envelopes e nas folhas das cartas com detalhes como *emojis* ou outras intervenções de desenho e pintura. Notadamente observa-se um estilo bastante informal no modo de produção dessas escritas trazendo narrativas muitas das vezes desnudadas em exposições e confidências de acontecimentos privados da vida do/da autora. Havemos de considerar obviamente que as cartas dirigiam-se à Coart com a específica finalidade de concorrer à premiação da bolsa gratuita nas oficinas, desta forma, a evocação de memórias, o compartilhamento de vivências carregadas de significados e a produção de uma escrita que fosse apurada e sensível, poderia garantir o sucesso na escolha de sua carta. Outro modo de entender essa intimidade também pode revelar o lugar da arte e da cultura na vida as pessoas. Por ser um local onde passaram (e não raras vezes retornaram), desenvolveram linguagens, criaram identidades e pertencimentos. Parece previsível se esperar também dos leitores uma postura de empatia, sensibilidade, humanidade. Se as oficinas proporcionaram acolhimento a esses urjianes, nada a estranhar que ofereçam aos leitores relatos das suas vidas ordinárias e que na maioria das vezes não encontra espaço, nem cabe ser dita ou explicitada numa disciplina do seu curso na faculdade.

As cartas analisadas até o presente momento apontam diferentes compreensões e aproveitamentos da cultura escolar apreendida na instituição, ainda que localizada mais especificamente na CoArt. Onde mais encontraremos vestígios para ler e escrever essa história? Continuaremos a busca por outros tipos de fontes que ajudem a compreender esse

---

tipo de cultura escolar, tais como processos de inscrição, formulários de avaliação, entrevistas, arquivos de imagens, jornais, materiais de divulgação, ementas, internet e outros que ainda poderão vir a ser pensados.

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Como nos diz Certeau, “a história não para de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas” (p.41). Portanto, interessa-nos pensar a Coart como acontecimento; o problema do prédio como fato histórico, e o relatório, fonte primária de nossa pesquisa, uma tática do seu autor, na lógica de Certeau, para travar uma disputa com a estratégia do reitor que à época, lhe confiou a gestão do DA. Não seria o descaso com os graves problemas estruturais do prédio que abriga a Coart um dado para também se compreender a não valorização do saber não formal? Haveria implícito nesta falta de atitude um discurso que denota jogos de poder, deslegitima ou reforça hierarquização de saberes? Seriam a arte e a cultura vistas como experiências menos importantes, sem relação com a vida e com os sujeitos/as em formação acadêmica nesta instituição?

Como o estudo encontra-se em sua fase inicial, as considerações ainda são apenas indícios. As primeiras observações apontam que as atividades de cunho pedagógico, cultural e artístico experienciadas no modo de educação não formal oferecidas pelos diversos títulos de oficinas da Coart nas suas seis linguagens artísticas – artes visuais, literatura, música, teatro, cinema e corpo/dança, oferecem diferentes abordagens e temas que, tudo indica, provocam e estimulam o pensamento em busca de soluções autorais e criativas; convívio com estudantes de distintas áreas e cursos que promove as inter-relações e ampliação da visão plural da universidade; além de promover sustento emocional nos momentos das mais variadas tensões que atingem as/os estudantes durante o tempo de formação acadêmica, o que contribui como memória afetiva de um espaço/tempo que ultrapassa as fronteiras do saber academicizado. Portanto, tratar da importância dessas oficinas é, inegavelmente, tratar de juntamente reconhecer o valor do seu espaço físico para estudantes uerjianes. Se por um lado temos distintos depoimentos escritos que testemunham a produção dos saberes e práticas como contribuição para os processos

formativos em suas mais diversas dimensões humanas, o mesmo não se nota refletido na atenção da instituição para com o espaço físico que permite que tantas dessas experiências aconteçam. O documento que se monumentaliza é o fato histórico do prédio e seus velhos problemas, mostrando, com esse modo institucional de não atender às necessidades do prédio, a desvalorização da educação para além das grades curriculares, da ausência de compreensão sobre outras culturas escolares importantes no processo de formação e a perpetuação das hegemonias e hierarquização de saber.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, J. DA. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *Mouseion*, vol. 3, n. 5, pp. 36-67, Jan-Jul/2009.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. 2ª Edição. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

COSTA, P. M. D. da. **Universidade, política cultural e juventude: o saber, o fazer da extensão nas universidades públicas**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CUNHA, L.A; GÓES, M. de. **O golpe na Educação**. 11ª Edição. Jorge Zahar Ed. Ltda.

FREIRE, J.R.B. **Departamento de alunos: a que será que se destina**. Documento de circulação restrita. Rio de Janeiro, UERJ, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política; impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.





LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: História e Memória. 4ª edição. Campinas: UNICAMP, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2023.

MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis, 2000.

MOUSSATCHE, H.; ALVEZ-MAZZOTTI, A. J.; MAZZOTTI, T. Arquitetura escolar: imagens e representações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 81, n. 198, 1 jun. 2000.

SAVIANI, Demerval. **Ensino público e algumas falas sobre Universidade**. São Paulo, Cortez: Autores associados, 1984.

VIDAL, Diana G. **“Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental”**. In: Faria Filho, Luciano, M. (org). Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados: Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 31-44.

Palavras-chave: cultura escolar; história da educação; educação não formal; memória.